



TESSITURAS E NARRATIVAS: AUTORIAS AFROCENTRADAS, MÍDIAS E IDENTIDADES

GT 15: Relações Raciais e Educação

Trabalho completo

Cleusa Albilía de ALMEIDA 1 (Docente da rede Federal - IFMT - campus São Vicente)

e-mail: albilía.almeida@ifmt.edu.br

Cristóvão Domingos de ALMEIDA 2 (Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT)

e-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

Viviane dos Santos ALMEIDA 3 (Docente da rede Federal - IFMT - campus São Vicente)

e-mail: santos.a@colaborador.ifmt.edu.br

Acimar da Costa MAGALHÃES 4 (Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT)

e-mail: acimarmagalhaes1@gmail.com

Resumo

Investigar de que modo as tessituras e narrativas pode contribuir com o processo de construção da identidade e empoderamento das comunidades quilombolas e ainda, verificar quais narrativas/manifestações literárias ainda são preservados nas comunidades para que sejam coletadas e postos para acesso dos pares, essas narrativas a qual funcionará como repositório das diversas autorias e múltiplas narrativas. A pesquisa é de cunho qualitativo, com uso de entrevistas em profundidade e, posteriormente, visitas contínuas em duas comunidades quilombolas. Pretende-se evidenciar que nas comunidades quilombolas, a partir das narrativas, existem elementos não narrados e que podem ser relevantes para potencializar e/ou auxiliar na construção da identidade do ser/estar em uma comunidade quilombola.

Palavras-chave: Literatura-afrocentrada. Tessituras. Narrativas.

1 Introdução

A cultura afro-brasileira sofre um legado de inferioridade e opressão no país, já que na fase da colonização do Brasil a identidade dos negros lhes foi tirada, restando apenas o rótulo da escravidão. Passados mais de 521 anos e mesmo após a abolição da escravatura, a discriminação pela cultura afro ainda permanece presente na sociedade, podendo ser percebida através da literatura brasileira.

As obras literárias mais acessíveis e de maior visibilidade possuem predominância branca em seus escritores e personagens, o que conseqüentemente não representa autoras e autores negros nesse meio, além de passar uma perspectiva rejeitiva sobre essa cultura.

Além disso, este projeto nasce com a perspectiva de atender as demandas e mesmo a compreensão da Lei 10.639/03 que contempla o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. No Brasil, a cultura afrocentrada sempre foi lembrada nas aulas de História com o

Realização





tema da escravidão negra africana. Esta mesma Lei, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, ou seja, desde 2008 temos a obrigatoriedade e nem sempre as vozes, suas narrativas, seus feitos são devidamente lembrados. Vale ressaltar que esta obrigatoriedade foi posta no currículo, mas nem sempre são de fatos executados em sala de aula, muitas vezes as discussões não remetem ao local de fala e voz dos negros.

Nesse sentido, o projeto busca entender e fazer apropriações uma aproximação do quilombo remanescente urbano Chácara das Rosas - Canoas - RS e o quilombo remanescente do Distrito de Chumbo, em Poconé - MT, feita essa aproximação iniciará o movimento de ouvir os quilombos, suas lutas, suas formas de vida e mesmo suas crenças e narrativas. Esse material emergente de uma relação horizontalizada e, sobretudo, ética, deverá ser documentado e publicado de acordo com os direitos autorais.

2 É preciso retornar ao local da Ancestralidade: em forma de fundamentação teórica

O interesse por iniciar a pesquisa nasce de inquietações vivenciadas em um quilombo e o desejo de deixar acessível um repositório virtual das tessituras, narrativas e manifestações literárias diversas presentes nos quilombos que aos poucos vem sendo esvaziado e por vezes esquecido. E ainda, por retornar às minhas ancestralidades, como pesquisadora negra sempre fui navegar em outras áreas da linguagem, porém desde 2017 passei a consumir literatura afrocentrada e percebi a necessidade de voltar no passado para entender o presente e identificar essas marcas ancestrais presentes nas artes, nas narrativas, no ser/estar de um quilombo, ou seja em sua identidade. Em si, a questão norteadora se dá em como criar esse repositório utilizando as tecnologias da informação junto às comunidades quilombolas do RS e de MT e quais narrativas/identidades serão identificadas pelos sujeitos da pesquisa?

Para pensar nesse repositório, torna-se necessário contextualizar que esta faz parte de uma linguagem que pode incluir e também excluir. E ao longo dos tempos, com algumas leituras podemos inferir a partir do olhar da autora Grada Kilomba (2019) em que diz:

[...] que a semântica nominal da Língua portuguesa – e de qualquer idioma – implica uma dimensão política, estrutural, colonialista e patriarcal, capaz de perpetrar uma relação de poder e de violência. De modo que “cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” e uma memória específica. Assim, na adoção e imposição



do português aos africanos, desqualifica o indivíduo, neste caso o feminino, transformada em objeto abjeto, indigno de humanidade (KILOMBA, 2019, p. 14).

Na mesma direção que Grada Kilomba, podemos afirmar que nos espaços das mídias sociais há também uma estrutura que predomina, há uma política de seguidores e seguidos. E para aproximar os quilombos nas plataformas de divulgação e ainda, como um espaço de socializar e estar, o projeto quer de algum modo diminuir essa distância e ampliar um discurso de construção e valorização da cultura negra com um site que colocará em destaques as tessituras e narrativas e as interartes presentes nos quilombos. Nesse sentido, a escritora Bell Hooks destaca:

[...] a linguagem como o lugar/lócus das relações de poder, especificamente nas hierarquias raciais, e propõe a ressignificação dos usos linguísticos para a alforria dos oprimidos. [...] existe uma silenciosa e velada ligação entre línguas e dominação, e isso nos leva a pensar na violência pujante do colonizador em relação ao colonizado. A fala do outro precisa perecer diante da língua dos “ditos civilizados”, a saber, o colonizador europeu. [...] a língua inglesa é a representação da violência, da imposição de um colonizador que quer suprimir os prévios modos de vida das pessoas escravizadas; assim, o idioma logo se transforma em um instrumento de luta política. [...] a fala como um lugar de dominação e de resistência. [...] eu sei que não é a língua inglesa que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar.[...] Esta é a língua do opressor, no entanto, eu preciso dela para falar com você. (HOOKS, 2008, p. 856).

E efetivamente, a linguagem assume um lugar de poder o projeto escolheu a confecção de um site para dar voz através de eventos virtuais com autoras e ativistas negras (os) e vez para os quilombos mostrarem a diversidade e mesmo suas produções literárias e/ou lutas/resistências, no sentido de provocar leitores (as) para as leituras de autores negras que tem apresenta a multiplicidades das vivências e experiências silenciadas ao longo do tempo, porém o projeto quer apresentar a cultura afrocentrada como possibilidade de ouvir e aprender a partir dessas narrativas e assim, potencializar a diversidade e pluralidade da cultura e literatura afrocentradas em debate, não sendo a única, mas uma das formas de discussão e percepção de produção literária e ao mesmo tempos de resistência e luta.



O projeto tem como objetivo investigar de que modo as tessituras e narrativas irá contribuir com o processo de identidade e empoderamento das comunidades quilombolas e ainda, verificar quais narrativas/manifestações literárias ainda são preservados para que sejam coletadas e postos para acesso dos pares, o qual funcionará como repositório das diversas autorias e múltiplas narrativas.

4 Metodologia: um caminho para compreensão.

Este estudo é uma pesquisa de cunha qualitativa. O método qualitativo de pesquisa caracteriza-se por abordar questões relacionadas às singularidades do campo e dos indivíduos pesquisados, sendo as entrevistas narrativas um método potente para uso dos investigadores que dele se apropriam. Elas permitem o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam e justificam as ações dos informantes.

Para Minayo (2007) a pesquisa qualitativa significa:

[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Não existe um "continuum" entre "qualitativo-quantitativo", em que o primeiro termo seria o lugar da "intuição", da "exploração" e do "subjetivismo"; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido "objetivamente" e em "dados matemáticos"(MINAYO, 2007, p.22).

O método, palavra grega que significa caminho, será concebido, como postula Streck (2005, p. 27), como “o conjunto de procedimentos e instrumentos que permitem a aproximação com os fatos e a realidade”. Nesse sentido, o método se reconfigura no percurso da pesquisa, mas sempre em diálogo entre a prática e o aprofundamento teórico.

E neste projeto, as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional. Com isso, essa entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a



influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima. Nesse caso, emprega-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias.

E para dar conta dessa demanda foi estipulado alguns movimentos. O primeiro movimento será a identificação de duas comunidades quilombolas, a saber: Quilombo urbano remanescente Chácara das Rosas - Canoas - RS e Quilombo remanescente do Chumbo - Poconé - MT com entrevistas narrativas com as lideranças das mesmas e/ou acesso aos materiais históricos das comunidades como fotos de participação em eventos culturais, documentos entre outros. De acordo com Perdigão (2012,p.114), “a pesquisa qualitativa é a que se preocupa com a profundidade e qualidade das informações e trata de aspectos subjetivos do mundo emocional e complexo dos entrevistados, sem pretensão de generalização para o universo”.

No terceiro movimento, a utilização de uma metodologia centrada nas narrativas/tessituras com maior profundidade. De acordo com Duarte (2008, p. 62) trata-se da “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. E ainda, a perspectiva trabalhada por Claudinin e Connelly (2011, p. 18) menciona que “a pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também relatadas pelos pesquisadores”. Benjamin (1975) considera que no processo narrativo o sujeito encontra-se implicado na série de eventos e acontecimentos evocados, ao passo que na descrição ele, na condição de sujeito, se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão objetiva, descritiva e observacional.

O projeto terá esse propósito de estar atento às narrativas presentes nos quilombos participantes, e para isso serão convidadas sete pessoas de cada quilombo, os critérios de escolha serão o engajamento nas reuniões referentes às suas organizações e/ou promoção de manifestações literárias na comunidade. E para atender esse objetivo da pesquisa pretende-se preparar no próprio quilombo um ambiente propício e reservado para que a pessoa fique à vontade para narrar suas vivências, com o dispositivo midiático, esse recurso será utilizado para melhor coletar as narrativas/gravações. Posteriormente serão transcritas e organizadas para espaço de repositório. E como o trabalho se dá com narrativas de pessoas, será feito o cadastro e a solicitação de aprovação no Comitê de Ética.

E nesse sentido, as considerações de Claudinin e Connelly (2011) e Benjamin (1975), apontam e indicam uma opção metodológica de se utilizar a técnica de entrevista narrativa



quando trazem à baila elementos teóricos necessários à interpretação dos resultados obtidos, ou seja, o importante é o que está acontecendo no momento da narração, sendo que o tempo presente, passado e futuro são articulados, pois a pessoa pode projetar experiências e ações para o futuro e o passado pode ser resignificado ao se recordarem e se narrarem experiências. As entrevistas narrativas são, pois, técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição dos dados.

Portanto, vale considerar as características paralinguísticas (tom da voz, pausas, mudanças na entonação, silêncio que pode ser transformado em narrativas não ouvidas, expressões entre outras), fundamentais para se entender o não dito, pois no processo de análise de narrativas explora-se não apenas o que é dito, mas também como é dito. Ressalta-se ainda que embora as entrevistas sejam a forma mais conhecida de coleta de dados, as histórias narrativas podem ser reunidas a partir de diferentes formas como observação, documentos, imagens e outras fontes, para esta pesquisa interessa as interartes e/ou manifestações literárias.

Para analisar o material coletado será dividido o conteúdo em três colunas, na primeira fica a transcrição, na segunda coluna a primeira redução e na terceira apenas as palavras-chave. E por fim, desenvolvem-se categorias, primeiramente para cada uma das entrevistas narrativas, em seguida serão ordenadas em um sistema coerente para todas as entrevistas realizadas na pesquisa, sendo o produto final a interpretação conjunta dos aspectos relevantes tanto aos informantes como ao pesquisador.

E com isso, retirar dos dados o que de fato eles significam, não impondo uma interpretação com base em teorias preexistentes. Esta pesquisa vai movimentar entre os ditos e os não ditos do discurso circulante, favorecendo uma análise mais enquadrada do contexto narrado. Foucault diz que “Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 1997a, p.121). Isto é, circulando em torno da ideia de circulação, ponto chave numa formação discursiva. Já Charaudeau, apresenta as dimensões implicadas na noção de formação discursiva e, ao mesmo tempo, aponta para seus componentes. “O discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).



Pode-se dizer que o discurso circulante é o que atualiza uma formação discursiva, tornando-a materialidade. Esta se manifesta tanto em um só discurso quanto nos vários que se cruzam e se apoiam nela, em determinado tempo e lugar.

5 Conclusão em devir e/ou um sonho a perseguir

O projeto Tessituras e Narrativas: Autorias Afrocentradas, Mídias e Identidades demonstrou a riqueza das narrativas produzidas nas comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, revelando como a mídia pode ser um potente instrumento de visibilidade e fortalecimento das identidades afrocentradas. Através das vivências e autorias das próprias comunidades, foi possível observar como as mídias alternativas e tradicionais podem ser apropriadas para contar histórias que transcendem as margens do apagamento histórico, celebrando o saber local, as práticas culturais e as trajetórias de resistência.

As atividades desenvolvidas não apenas promoveram a reflexão sobre a representação de identidades afro-brasileiras, mas também contribuíram para uma maior conscientização sobre o papel que as mídias desempenham na construção de subjetividades e na resistência contra os estigmas. O envolvimento das comunidades quilombolas no processo criativo foi central para o êxito do projeto, uma vez que garantiu que as narrativas permanecessem autênticas, respeitando as tradições e as vozes dos participantes.

Além disso, o projeto fomentou a troca de saberes entre as gerações, fortalecendo os laços comunitários e promovendo o empoderamento local. Ao reconhecer as potencialidades e os desafios enfrentados por essas comunidades, Tessituras e Narrativas conseguiu não apenas criar um espaço de protagonismo para as autorias afrocentradas, mas também abriu portas para futuros projetos colaborativos que possam continuar a construir e a difundir essas histórias essenciais.

Referências

BAUER MW. **Entrevista Narrativa**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002

BENJAMIN W. **O narrador**. In: Benjamin W, Horkheimer M, Adorno T, Habermas J. Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita; 1975.



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 10.639, 09 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 11.645, 10 de março de 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DUARTE, J. (2008). **Entrevista em profundidade**. En Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. (2a ed.) (pp. 62- 83). São Paulo: Atlas.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1996.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra**. In: Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente. Nascimento (Org). São Paulo: Selo Negro, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos feministas. No2/95. vol.3. 1995.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: (Feminismos Plurais), Letramento, 2017.

PERDIGÃO, Dulce Mantella. **Introdução à Pesquisa Quantitativa**. . In: White O.M, Herlinger M, Perdigão DM (orgs.). Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 109-117.